

# GIL VICENTE

Semanário Monárquico-Integralista  
(Literário e Noticioso)  
Órgão e propriedade da I. M. Integralista Local  
Redacção e Administração:  
AVENIDA DO COMÉRCIO



VISITAÇÃO  
*Pardiez! siete arrepones  
Me pegaron á la entrada  
Mas yo di una puñada  
A uno de los rascones  
VAQUETRO*

Director, D. José Ferrão  
Administrador e Editor, Domingos F. Guimarães  
Secretario da Redacção, M. A. d'Oliveira  
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na TIPOGRAFIA TIRSENSE  
Rua Sousa Tropa, 49—SANTO TIRSO

## Na trincheira do Resgate

Volta, novamente, esta trincheira do bom combate, a iniciar a sua luta pelo ressurgir da Pátria Portuguesa.

A nossa consciencia e o nosso dever de portugueses assim no-lo impõe.

Proseguir num combate em que o amor patrio seja colocado acima das conveniencias e interesses de partidos ou de opiniões, é hoje tanto mais difficil quanto a enorme onda de materialismo que tudo tem corrompido e estacelado.

E' necessario uma acção energica e intensa contra o rotativismo e preversão do momento presente. E' necessario integrar a Nação nos seus principios e funções naturais. E' preciso dar aos Municipios e ás Corporações o seu devido valor, compreendidos a dentro dos seus principios do nosso reaptuguesamento e nunca como *satélites* ou filiais de centros politicos que nada valem nem nada fazem de bom e util para o país.

Felizmente que o nacionalismo principia a ser compreendido no seu ataque sem tréguas ao parasitismo e á inercia que os principios caducos de uma Democracia decrépita inocularam na alma dos povos. O exemplo *fascista* é uma lição a meditar e a seguir. Saibamos compreender os nossos deveres, convençamo-nos da falencia das mentirosas ideologias do «estúpido seculo XIX» e integremo-nos na verdade dos principios nacionalistas de uma Monarquia Municipalista e Corporativa. Isto é: saibamos compreender o esforço e a tenacidade dos homens e o valor dos principios que, conglobados, formam hoje a legião do Resgate que é o **Integralismo Luzitano**.

A causa monárquica precisa, para vencer, de tenacidade e acção. Continuar num estagnamento de inergias, continuar num comodismo sem limites, ou por outra, limitar uma acção nacional a uma acção meramente eleicoeira sem resultados praticos, é contribuir para a manutenção de um regimen que nos tem sopeado miseravelmente e nos conduziu a este estado de anarquia aparentemente mansa em que, actualmente, nos encontramos.

E' necessario uma comunhão de esforços de todos os bons portugueses e essa comunhão de esforços por todos preconizada, mas ainda por pôr em pratica, só será possivel quando os adoradores do *Bezerra de Oiro* se convencerem da inutilidade e ineficacia da sua *conservadora* acção, e se resolvam a pôr de parte, por prejudicial, o sistema corrupto de um seculo de liberalismo que desorganizou todas as camadas sociais e foi o principal factor da nossa decadencia.

E' coerente com os principios do Integralismo e com a attitude da sua Junta Central, no chamado Pacto de Paris, em que foram despresados os

essenciais principios da Verdade Monárquica, que a Junta Municipal do Integralismo Luzitano, desta cidade de tão nobres tradições, volta, novamente, á combatividade politica pela Restauração de Portugal pela Monarquia-Organica defendida e preconizada pelas hostes integralistas, a que tem a honra de pertencer.

## Monsanto e a politica monárquica

Na serra de Monsanto se escreveu o epilogo da primeira fase da luta nacional contra a Republica, luta do instinto e da generosidade, luta sem inteligencia e portanto sem força de vencer.

Monsanto foi uma epopeia de heroismo, um sangue puro se ofereceu no holocausto da Patria e da honra. Monsanto, porém, foi a derrota, derrota espantosa e inverosimil, contra todas as probabilidades e apparencias, como efeito de uma inexoravel sentença de Deus ou de uma diabolica intenção de suicidio. E assim, Monsanto, ao mesmo tempo que pela sua generosidade reivindicava para a Causa Monárquica o principio de *honra* (principio que já Montesquieu nas teorias dos livros reconhecia como o intimo motor das instituições rialistas) pelo desastre e des-

barato, que foi, significou a solemne advertencia dos sucessos para que a mesma Causa abraçasse a a lei da inteligencia para um fim de victoria.

Monsanto teve a missão historica, formidavel, de revelar os erros da Causa Monárquica. E eles foram revelados com clareza suficiente; mas tal é a cegueira dos homens que não quiseram ver essa luz e passados alguns anos ainda não abrem os olhos ás novas conformações que os factos sucessivos tem vindo trazer ás tremendas evidencias politicas do Desastre. E, assim, os erros continuam e subsistem portanto as condições nacionais á existencia anti-nacional da Republica. A chamada Causa Monárquica agita-se ou estagna numa impotencia, que brada aos ceus, ostentando já nos seus proprios as-

## Senhor!...

*Eu sei, Senhor, que andamos condenados  
A pagar velhos erros cometidos;  
Mas da pena a que fomos castigados  
Onze estirados anos são cumpridos...*

*E tantos sacrificios são sofridos,  
Tantos Martyr's Vos foram imolados,  
Que se os erros não se acham redimidos,  
Grandes devem ter sido esses pecados!...*

*E Vós quereis que assistamos impassiveis,  
Sem que tentemos mesmo os impossiveis,  
Ao estrebuchar d'uma Nação que finda?!...*

*Senhor Deus! não chegou a nossa hora?  
Senhor meu Deus! não será tempo agora?  
Senhor meu Deus! não será tempo ainda?!...*

ANTONIO CARNEIRO.

pectos de crescimento e prosperidade sintomas evidentes de desagregação, de decrepitude, de morte proxima.

A verdadeira Causa Monárquica portuguesa — o Integralismo Luzitano — obrigado pelas circunstancias a operar uma retirada estrategica para as trincheiras do prestigio intelectual dos seus principios — considera como função primordial de um saneamento politico, o esclarecer-

se á evidencia o fracasso da politica conservadora em Portugal fora dos verdadeiros principios da Monarquia.

As jornadas futuras do nosso avanço politico só podem desenvolver-se num espaço amplo de politica verdadeiramente nacional, depois que sejam expropriadas por utilidade publica as idéas velhas e processos fedorentos, em que acham mumificados, para maior bem e gloria da Republica, valiosas energias conservadoras, que com o rotulo de monárquicas, arrastam o triste fadario de não fazerem a Monarquia nem a deixarem fazer.

Vejamos, pois, em Monsanto, e nos acontecimentos de que foi o desastroso defecho, quais os erros mais gerais da politica conservadora e monárquica em Portugal.

De todos o mais grave foi, certamente, a falta de um certo numero de principios, que desse á politica monárquica uma forte base intelectual, por todos reconhecida e que á massa imprimisse uma orientação de unidade, de organização, de acção, finalmente daquela fé activa e emprehendedora, que só pode dar uma convicção racional.

Longe de ser o magestoso desenvolvimento de um silogismo na consciencia do povo, levando fatalmente a uma conclusão de reforma politica, a Causa Monárquica era pelo contrario um vago e instintivo arrebanhar dos descontentamentos mais heterogeneos, das forças politicas subsistentes do constitucionalismo, finalmente do aliciamento desordenado dos braços generosos, que se não deixavam comprar ou intimidar pelo novo poder e se revoltavam contra a sua essencia sacrilega e criminosa.

Nem ao menos os elementos da politica monárquica faziam o necessario acto de contrição sobre as culpas do constitucionalismo, com o proposito de entregarem as inteligencias á ideia de uma Monarquia bem restituída a toda a pureza das instituições monárquicas.

Seria de uma interessante psicologia o estudo da influencia dos principios sobre o modo de ser

## MONSANTO



O MOMENTO SÓLENE DO IÇAR DA BANDEIRA  
:: AZUL E BRANCA, NO DIA 23 DE JANEIRO ::

dos actos políticos. E' incontestevel que uma doutrina politica de unidade, de auctoridade, de ordem, de organisação de energia nacional, se a impuzermos bem integrada numa massa politica, deve educar os seus componentes para constituirem uma organisação ordenada e unitaria e exercerem actos de energia e de competencia. Se uma doutrina, como é a do Integralismo, fosse totalmente abraçada pelos monarchicos de Monsanto e de antes de Monsanto, podemos supor que ela se teria desentranhado primeiro numa unidade de organisação, que impediria a desconexão dos esforços no Porto e em Lisboa, depois numa energia de acção que teria impedido as dilacões e a má estrategia do comando em Monsanto.

A falta de principios, como base da Causa Monarquica, era já nos tempos de Monsanto o germen de um divorcio com a Causa catolica, que se iria desenvolvendo até aos dias de hoje, em que esse divorcio é completo e irremediavel.

Teria sido preciso que logo após a queda da Monarquia, a massa dos monarchicos fizesse um sincero acto de contrição dos erros antigos da politica religiosa e se aproximasse por motivos bem espirituais, muito superiores aos da politica, de um ideal de purissima cristianização. Em vez disso, o mau espirito continuou latente e depressa se revelou na Monarquia do Porto, bem simpatizada nesse facto curioso de ser confiada a *directão dos negocios ecclesiasticos* a pessoa de situação ecclesiastica pouco regular.

E dali para o futuro, começou a acentuar-se em cada vez maior alheamento entre a causa catolica e a chamada causa monarchica, o qual se terá originado principalmente na ausencia de programa religioso por parte desta organisação politica.

O constitucionalismo monarchico nada prometeu de positivo á Igreja e a verdade é que nada lhe podia prometer, porquanto em boa teoria para um constitucionalista os varios problemas nacionais serão resolvidos segundo o determinar de uma certa assembleia politica reunida após a Restauração. E' evidente que para uma habil politica religiosa deveria ter a politica monarchica, não só a parte religiosa do programa do Integralismo, mas tambem a sua parte politica, que presuppõe e autoriza aquela.

Outro erro grave da Causa Monarquica antes de Monsanto (e tambem depois) foi a carencia de uma acção politica largamente nacionalista. Não bastaria ter os principios do nacionalismo integral (e vimos que nunca os teve); seria preciso que fossem integralmente nacionalistas todos os actos da sua politica; numa orientação que se impuzesse até aos republicanos sinceros, actuando a organisação monarchica na opposição como uma forte alavanca melhoradora dos interesses publicos.

Nada de politica de *quanto pior, melhor*; nada de um abstencionismo cobarde e inteligente, esperando a Monarquia da força das cousas. Pelo contrario, a Causa Monarquica devia ser como que a Nação Organizada em frente da Republica impondo aos seus passageiros governos a boa regra do interesse nacional.

Se, durante a guerra, os monarchicos constituissem um bloco firme, disciplinado, com perfeita unidade de orientação nacionalista e esse bloco operasse com toda a sua força no sentido de uma nossa participação *nacionalista* na guerra (com a intervenção nas colonias para salvaguarda das colonias, por exemplo), podemos afirmar que os democraticos não teriam conseguido levar o paiz á guerra, na forma de filonia que a

nossa participação revestiu. Pelo contrario podemos supor que a nossa participação teria realmente honrado mais a dignidade nacional, salvaguardando efectivamente a existencia dos nossos dominios e aguerrido um exercito na pratica da guerra e no espirito da victoria, exercito que depois retomasse a ordem interior, como o fez na Italia o *fascismo*, obra dos antigos combatentes.

Neste aspecto, Monsanto é a expiação da falta de uma politica integralmente nacionalista da Causa Monarquica, antes de Monsanto e durante a guerra.

Depois de Monsanto, os mesmos erros continuaram apesar dos protestos violentos, indignados, da campanha integralista.

E a situação actual é, precisa-

mente, um imperativo cada vez mais formal dos factos e das consciencias portuguezas reclamando uma nova actividade do Integralismo para que, cheio de razão, oriente a politica nacional, já que é retumbante o fracasso de doze anos de politica conservadora e monarchica, de que não temos a responsabilidade, com todos os esforços cristalizados numa infecunda organisação *eleiçoira*, com um divorcio cada vez maior da causa catolica, com uma inercia e impotencia diplomatica manifesta e sobretudo com uma incapacidade formal de, neste momento de exaltados nacionalismos, fazer em Portugal uma politica intensamente nacional.

José Pequito Rebelo

## MONSANTO

### Os motivos da derrota

QUATRO longos e doloridos anos são passados sobre o holocausto admiravel de Monsanto.

E' tempo, pois, de meditarmos nas razões da derrota e de tirarmos dos factos uma lição proveitosa e eterna.

Quatro anos são passados! E, ainda hoje, muitos perguntam porque se perdeu, porque razão é que quasi toda a guarnição de Lisboa, sahio de Lisboa para atacar Lisboa. E o misterio continua, indecifrável, impenetravel...

Os bravos combatentes de Monsanto — que os houve ás



FELIX CORREIA

(Redactor de A MONARQUIA), combatente de Monsanto

dezenas do mais puro quilate de heroismo! — não foram derrotados pelos republicanos que em casa aguardavam o decidir da peleja; não foram derrotados pelos 15:000 esfarrapados que galgaram as escarpas da Serra! Não! Os soldados de Monsanto cahiram ás mãos dum inimigo mais perigoso. Foram vencidos pelo espirito constitucionalista que levava um filho de D. Carlos a mandar aca-

tar um presidente da Republica — e que obrigava o seu logar-tenente — um heroi e um colonial distinto — a evitar que numa hora propicia — a da morte de Sidonio Pais — se proclamasse a Monarquia!

Foi esse espirito que nos venceu. Deus não quiz que se desse por finda a nossa expiação, para evitar um mal maior.

A Monarquia sahida de Monsanto, devida ao esforço heroico de centenas de moços que tanto odiavam a Republica como o fantasma de Monarquia cahido em 1910, viria a ser provavelmente uma reedição da fantochada constitucionalista — e portanto um prefacio a uma segunda edição correcta e aumentada da Republica.

Foi talvez melhor assim! Talvez se tivessem poupado maiores esforços, novos sacrificios!

Assim, a esta Republica de deboche e de infamia, não poderá succeder outra Republica mascarada de senhora séria, com uma corôa ás três pancadas...

Depois do diluvio que se aproxima e que é a resultante logica desta pagodeira de cem anos, a Monarquia virá, para salvar Portugal. Mas a verdadeira Monarquia, a Monarquia Portuguesa, Sindicalista e Municipalista!

Saibamos esperar! A hora da nossa victoria aproxima-se, se, porque temos connosco a Verdade, a unica Verdade portuguesa. E só a Verdade vence!

Felix Correia

(Combatente de Monsanto)

## UMA LIÇÃO

Monsanto foi a afirmação de que a Mocidade Portuguesa está disposta a sacrificar-se e a morrer para que acabe de uma vez para sempre a fantochada liberalista que ha cem anos desorganisa e mata a Nação.

Mas foi ao mesmo tempo a demonstração iniludível do fracasso das ideias e dos processos dos «conselheiros» que conseguiram inutilizar um tão grandioso e heroico esforço!

Jorge Domingues do Rego Fonseca.

(Civil ferido em Monsanto)

## A' Gloria dos Heróis Sacrificados

Já lá vão quatro anos sobre o holocausto! Relembra-lo, agora, é lembrar o sangue vertido inutilmente, o sacrificio feito em vão, o baptismo de fogo onde tantas vidas se queimaram, — sem que ao menos uma palavra ou um gesto, vindos de quem por direito historico representava os direitos da Monarquia a governar Portugal, trouxessem ao coração dos que se bateram e ficaram, e dos que se bateram e morreram, a certeza de que o sacrificio dessas vidas tinha sido aceite como um valor moral, como uma oferta preciosa, como uma promessa de resgate nacional pelas virtudes do sangue da gente moça! Nem uma palavra, nem um gesto, que não fossem de reprovação. E no entanto, Deus sabe como o sacrificio foi grande; Deus sabe como, no proprio momento de sacrificio, as desilusões pairavam já á nossa volta, — redobrando o valor do holocausto; e Deus sabe, ainda, como todos nós adivinhavamos que o futuro nos não seria propicio, — tantos eram nessa hora os erros dos homens, fazendo adivinhar outros bem maiores nas horas então a vir.



AUGUSTO DA COSTA

(Secretario Geral do Integralismo Lusitano), combatente de Monsanto

Os soldados foram bons. Os comandantes, porem, foram maus. Todos, é certo, se bateram. Mas os que se bateram, mandando ao mesmo tempo, não souberam pôr a sua capacidade directiva ao lado do seu valor como soldados. Se os chefes tivessem sabido mandar, o sacrificio inutil de Monsanto ter-se-ia evitado: uma vez ainda as ideias mais pacifistas e humanitarias se transformaram, na realidade, nas mais guerreiras e deshumanas: — a preocupação

de restaurar a Monarquia sem disparar um tiro (lindo sonho doirado dos covardes e dos conselheiros!) transformou Monsanto num Calvario, onde tantos justos deixaram com nobreza perder a sua vida e derramar o melhor do seu sangue. A falta de decisão dos chefes, alimentada pelo desejo de evitar que o sangue corresse nas ruas da capital, teve — nos tres dias e tres noites aquartelados em lanceiros 2, — quando se impunha a nossa saída imediata para a parte baixa da cidade, prendendo o governo desarmado e tomando conta dos ministérios; e a mesma falta de decisão nos manteve dois dias em Monsanto, puramente na defensiva, á espera que os republicanos se armassem para nos irem atacar, — quando estava logicamente indicado que só deveriamos sair dos quartéis para atacar com rapidez e energia, antes que alguém nos tomasse a dianteira. — E assim, erro sobre erro, se chegou a transformar uma victoria numa derrota, Monsanto num Calvario. Nunca ninguém preparou tão inteligentemente a victoria do seu inimigo...

O ensinamento dessa derrota, nós o tiramos. Servos de velhas ideologias, os homens velhos tornaram-se incapazes de servir ideias novas e sãs; a excessiva prudencia dos anos embargou o passo á reflectida audacia do sangue quente dos novos; a inercia dos conservadores tem sido um obstaculo vivo á acção dos renovadores. O sangue derramado e as vidas sacrificadas na gloria do heroismo, tem os seus direitos imperiosos: os Mortos exigem que os vingamos; simplesmente, a sua vingança, se tem de exercer-se contra aqueles que até hoje tem sido os vendilhões e os coveiros da Terra portuguesa, não tem menos de exercer-se tambem contra todos os que, pela sua passividade e pelos seus erros, tornaram inutil o glorioso sacrificio do Norte e de Monsanto!

Augusto da Costa

(Combatente civil de Monsanto)

## No nosso posto

De novo voltamos á luta pela Patria contra a tirania verde-rubra que, depois do fatidico treze de Fevereiro, começou a dar com a cabeça pelas paredes e esquinas de toda a terra portuguesa. Empenhados nessa batalha bendita, que incarna o verdadeiro, o puro, o sagrado sentimento deste bom povo portugues, andam todos aqueles que, por um alto dever patriótico, se não venderam como muitos ao verem a demora da Restauração.

Empenhados nela, nessa batalha sem tréguas á Republica, que a todos aflixia com notas do Banco de Portugal, estamos nós — os que aqui trabalham sem proventos, e que só sacrificios tem recebido, — prontos no nosso posto dando batalha ao regime, que é a Desgraça de Portugal.

Nessa luta, que é Nacional, que é Una e Perfecta, estão emfim todos os portugueses que tem Espirito monarchico, que tem a Consciencia formada. Só não estão com ela aqueles maus portugueses que não querem vêr a Verdade dos nossos Principios, a suprema Verdade que o Integralismo Lusitano encerra em si — no seu Corpo de Doutrinas, tão indispensaveis ao resurgimento da Terra portuguesa que um bando de homens, a quem a Revolução perverteu o seu caracter nacionalista, fez dela não uma Patria para todos, mas para aqueles que, na manigancia da politica e do logar publico, pouco se

importam de ser apontados pela opinião publica como facinoras capazes de todos os crimes e baixezas.

Só não estão connosco aquelas criaturas — e nós disso nos orgulhamos — ás quais a Republica poupa os seus crimes de todos os dias e de todas as horas, pois o regime com isso *lucra*, e nós *perdemos*, porque tem os votos dela e os dos seus cumplices.

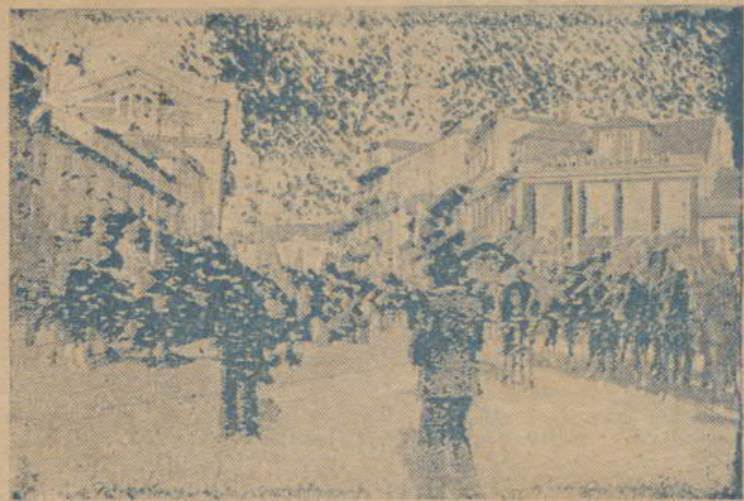
No nosso posto, sim, até cair de vez a estatua de lama com corpo e alma de Vicio e de Podridão — a Republica!

Inimiga da Terra, favorecendo o Capitalismo cosmopolita, que importa a este a desgraça da Lavoura, a miséria dum Povo? Que importa a ele, pois, que a Patria se afunde, que a Nação se perca? Para que lhe serve o desenvolvimento das industrias, o aperfeiçoamento das Artes, a purificação das almas e das inteligencias? Com dinheiro nos Bancos, para ele tudo é gôso, é luxo, é prazer, é vaidade e egoismo!

Loucura! Loucura e miséria! No nosso posto, sim! Nesta trincheira sagrada batem-se almas portuguesas, corações amantes da sua Patria, braços de operarios de todas as classes e categorias. Soldados prontos para o sacrificio, amanhã será a nossa hora e a hora derradeira desta Republica pestilenta, de bôca escancarada, que todo um Povo irá levantar nas forcas feitas por Ele — este Povo cansado dela, aborrecido dela, martirizado e roubado por ela.

Domingos Rebelo.

## NO PORTO



Depois da Restauração em 19 de Janeiro  
 : : : — As saudações à Monarquia : : :  
 : : : : : restaurada : : : : :

## Evocação

... nesse dia cheio de luz e de sol, eu vivi as horas mais alegres da minha vida! Alegres sim, porque soldado monárquico cheio de fé, de esperança e de entusiasmo pela vitória certa que se aproximava, eu caminhei para a luta sempre decididamente e como soldado disciplinado ali cumpro os meus deveres de militar, de português e de monárquico. Horas tristes também vividas, foram as da tarde de 24 em que se inutilizou o esforço dos heróicos comandantes, de oficiais dos mais ilustres do Exército, sargentos e soldados dos melhores e dos mais disciplinados, que faziam parte dos regimentos que tão brilhantemente escreveram na história da Causa Monárquica as paginas heroicas de Monsanto. Tristes foram ainda esses momentos em que a malta bêbeda pretendia já iniciar uma chacina arsenalista que os nobres marinheiros souberam evitar, por honra e brio da marinha de Portugal. Nesses dois dias de lutas, de esperanças em que eu vi cá de longe, na minha trincheira, o hastear da bandeira azul e branca, de Maracuene e de Chaimite, e que na tarde de 24 caía para ser salva das mãos sacrílegas dos maus portugueses, que não souberam compreender ainda a grandeza do nosso esforço para salvar uma pátria que agonisa. Depois a confusão e a debandada como já a havia visto na Flandres de tristes recordações para os soldados de Portugal, quando do 9 de Abril. De Monsanto e das masmorras da republica, saíram verdadeiros monárquicos, robustecidos na sua fé e cheios de esperança no futuro, porque todos nós nos batemos pela Verdadeira Liberdade e pela Justiça que só uma Monarquia Nova poderá restabelecer.

A mentira republicana ahi está evidente e clara; o povo português já compreendeu a falencia da republica e dos homens que compõem as quadrilhas políticas que a sustentam. Reparemo-nos, pois, para o combate final contra o despotismo vermelho que pretende assassinar uma nação que atravez mais de 7 seculos, sob o regimen monárquico, escreveu na sua historia tanta pagina gloriosa. E a todos os bons portugueses eu lembro daqui, neste dia santo da «Causa Monárquica» os soldados civis e militares que com tanta lialidade, dedicação e disciplina obedeceram aos seus superiores, cumprindo valentemente até final o seu dever: para todos vai hoje o meu respeito e a minha admiração por tão nobre sacrificio.

José Carlos Abelha

(Combatente da Flandres e de Monsanto)

## LUAR DE JANEIRO

**M**EU luar de Janeiro, sereno e frio, canta comigo, na tristeza de mais um aniversário, a canção gloriosa da vitória e da esperança. Minha lua cheia, tão branca e tão triste, evoca na alma do vencido a epopeia do sacrificio, e em cada gota de orvalho, que cristalise na madrugada baça e regelada, relembra uma lágrima de saudade, uma lágrima de orgulho, uma lágrima de perdão. Minha lua esplêndida, rainha de graça no céu alto, que rondas, na triste solidão das longas noites de inverno, a dolorosa ronda das almas penadas e tristes, peeneira dos altos céus mais neve nesta noite fria, para que mais lágrimas se chorem em Portugal, lágrimas redentoras de saudade, de orgulho e de perdão.

Longe do mar irado, do meu irmão oceano, desganhado e bramido; longe dos cem braços do meu Vouga de sonho e de encantamento, meus olhos não vêem a magostade augusta das águas, e meus ouvidos não ouvem o cântico triunfal do mar revoltado, entoando, heroico, no fulvo litoral da minha airosa Beira-Mar, a mais bela epopeia na mais bela das canções. Evoco. E minha evocação me confrange, como a geada das manhãs, ao recordar os meus oitocentos e cinquenta e dois companheiros de armas: todos os civis alistados nos batalhões de voluntários da S: P:.

Uma solidariedade forte me prende e me domina nesta hora solene de evocação, e, longe como estou do velho burgo onde reverberaram as derradeiras esperanças da Raça, eu o saúdo e abraço a todos, vivos e mortos, no mesmo grande e carinhoso abraço de saudade, de orgulho e de perdão!

Nesta hora solene de evocação, meu pensamento vò, e eu canto ao luar de Janeiro a mesma canção gloriosa com que o mar irado — o meu irmão oceano — me embalou no berço macio das suas areias de ouro, das suas espumas de preciosas rendas.

E' o cântico altivo dos heróis que sabem vencer porque sabem perdoar, e o mar amigo que me me ensinou a sofrer e a esperar, também me ensinou — criança ainda — a lutar e a vencer.

Um cristianíssimo sentido da vida me enche por completo a alma dum novo significado do sacrificio e da esperança; uma alvorada nova ilumina de generosidade e de perdão minha generosa violência de lutador; da derrota, onde para sempre liquidaram as probabilidades de consolidação ou restauração de regimens falidos, para sempre a erguemos nós, e a lavamos, com nosso sangue forte,

## «Gil Vicente»

**A tôdas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal, pedimos o favor da sua devolução, no caso de não nos quererem honrar com a sua assinatura.**

da mácula do passado, a bandeira azul e branca da vitória e do resgate.

Meu pensamento vò, e fixa na memória a meia penumbra onde mil bocas e mil mãos juraram sobre os Evangelhos Santos restaurar e defender a Monarquia. Lembra o meio dia pleno de alegria e de triunfo de 19 de Janeiro, sob um sol caricioso e tépido e o azul ridente do céu.

E o rolar confiado dos dias, a adormecer na vitória fácil e enérgico rompante das primeiras horas, toma proporções trágicas de catástrofe onde se gera a dantesca epopeia da derrota. Meu pensamento vò, e em espírito acompanho a Viana as primeiras forças realistas, na primeira torrente de entusiasmo e de fé. E assisto à tomada de Vila-Real; e me deixo prender em Albergaria; e subo o calvário de Monsanto; e resisto, encharcado e esfomeado, no «frontão» do Vouga; e sou atraído, varado de balas pelas costas, na Mourisca; e corre sangue meu e de meus irmãos em armas no combate de Penude; e vejo morrer — dois mezes depois de seu irmão — o nosso malgrado Costa Alemão; e, nas vespersas do assalto a Mirandela, cai-me nos braços, semi-morto, o bravo comandante da coluna relâmpago, o heroico capitão Sá Guimarães... Meu pensamento vò, e vai mais longe ainda: à derrocada miserável de 13 de Fevereiro; às montarias canibalescas que, num requinte de sanguinolentas vinganças, transformaram o Norte num vasto açougue humano; à caça ao homem, organizada durante dois anos contra os vencidos de uma hora de má ventura e de tremenda expiação; ao fundo negro dos carcereiros onde a geração do resgate reuniu a Pátria de um século ignóbil de dissolvência democrática...

No ridente azul e branco do nosso céu, mais alta se levanta hoje, neste Janeiro frio, a bandeira da vitória, já purificada da mácula do passado com o sangue forte da nossa mocidade! Minha lua cheia, tão branca e tão pura, que evocaste na alma do vencido a epopeia do sacrificio, o grande drama de onde um novo mundo surgiu, — regela em cada gota de orvalho, nas madrugadas alvas, mais uma lagrima de saudade, de orgulho e de perdão.

Porque todos nós, os lutadores de ha quatro anos, aprendemos a amar no sofrimento e a perdoar na victoria, — aqui nos encontramos, na eucaristica brancura das nossas almas em comunhão, a lembrar o passado com saudade, a evocá-lo com orgulho, e a abraçamos a lusa-grei com a mais absoluta certeza da victoria no mais sublime abraço de perdão.

Meu luar de Janeiro, sereno e frio, canta comigo, na tristeza de mais um aniversário, a canção gloriosa da esperança e da victoria! Canta um hino á beleza dos sacrificios humanos e ao sangue que corre em holocausto á Patria imortal. Canta o meu amor á Terra e o meu respeito ao Mar irado — ao meu irmão oceano — que a esta hora, no fulvo litoral da minha airosa Beira-Mar, rebêa mais alto o seu eterno cântico triunfal e heroico, no mesmo bramido de colossal harmonia com que ha quatro anos se encapelava em lou-

vor de Deus, em louvor da Raça e da generosa geração de sacrificios que em 19 de Janeiro restaurou a Monarquia.

Cezar A. d'Oliveira.

## Uma carga de cavalaria

... Tinha-se passado a noite numa posição cuja guarda fôra confiada ao bravo capitão Prostet. Deitado no meio dos seus soldados, nada descurando, a tudo atendia. Os pelotões, uns em atradores, defendiam as posições de que tinham sido encarregados, outros estavam noutras posições de reserva. O fogo de artilharia intensifica-se no ataque á Serra.

O bravo capitão Prostet, sempre a cavalo, desprezando com um desdem imenso a morte, anda sob a saraivada das balas, em todas as direcções, tudo observando. De repente a sua voz enérgica brada: a cavalo.

Num apice o pelotão montou. «Desembainhar espadas». E o pelotão, numa fileira de espadas ao sol, abala n'uma cavalgada epica atraz do seu valoroso capi-

tão. Sobese, desce-se, saltam-se valas, sobese novamente e de repente os civis gritam: «eles estão ali». O valente comandante, á frente, vai com o pelotão varrendo tudo.

A fusilaria crepita. O espectáculo é belo.

Os atacantes caem, são atropelados e batem em retirada. O capitão recebe um tiro em pleno peito, naquele peito valente e lial que jámais conheceu o medo.

Tinha assistido e tomado parte num dos mais belos e eloquentes quadros da valentia portuguesa e quem tem a dita de tal, de ter tido a honra de ser comandado por Prostet da Fonseca, agradece a Deus o ter-lhe concedido tal mercê.

FREDERICO DE BARROS R. LIMA.

(Ferido em Monsanto)

## OBRAS LITERÁRIAS

Anunciam-se gratuitamente mediante a oferta de um exemplar.

## FRATERNIDADE

COMPANHIA DE SEGUROS

Agente em Guimarães:

Domingos Ferreira de Oliveira Guimarães

RUA DE PAIO GALVÃO, 88

## LIVRARIA, PAPELARIA, TIPOGRAFIA

OFICINA DE ENCADERNAÇÃO

José Cardoso Santarem

47, RUA SOUSA TRÊPA, 53

SANTO TIRSO

## Secção de Livraria

Livros escolares de todos os autores, pautas, cadernos caligráficos, lousas, etc. — Grande sortido de livros sobre literatura, sciencia e religião. — Deposito permanente de alfabetos, taboadas, blocos para calendarios, agendas de algebeira e cartilhas da doutrina cristã, com grandes descontos aos revendedores.

## Secção de Papelaria

Papeis para cartas, nacionais e estrangeiros; ditos comerciais e almossos, lisos e pantados — Enveloppes de diversos formatos, brancos e de côr — Grande e variado sortido de caixas de papel de cartas — Tintas para escrever, dos melhores fabricantes; ditas para carimbos de borracha e para marcar roupa — Variado sortido de lápis, canetas e penas d' aço das principais casas neste genero — Objectos d' escritório — Estoijos para desenho.

Bilhetes postais ilustrados. — Pós d' arroz, sabonetes e perfumarias de Lubin, Gellé Frères, L. T. Piver, Atkinson Wolf & Sohn, Claus & Schweder e outros — Aprestes para flores. — Selos, letras e papel selado.

## Secção de Tipografia

Execução rapida e esmerada, a preto, a cores ou a ouro, de trabalhos comerciais, obras de livro, jornais, mapas, programas, cartazes, etc., para o que dispõe de material e maquinismo os mais modernos.

## Secção de Encadernação

Execução perfeita de todos os trabalhos concernentes a este ramo de industria, assim como confecção de carteiras e pastas em setim, pano ou carneira, colagem e envernizamento de mapas e cartazes, etc.

## Secção de Electricidade

Lampadas, fio flexivel e vulcanizado, campainhas electricas — Material electrico nacional e estrangeiro, etc., etc.

# ARTIGOS RELIGIOSOS

IMPORTADOS DIRECTAMENTE DA

## ALLEMANHA E FRANÇA

VENDEM:

**A. D. Marques, Limitada**

RUA DO OURO 200-4.º

**LISBOA**

### A TENTADORA

**Bernardino Almeida & Costa, L.<sup>da</sup>**

FAZENDAS BRANCAS, MODAS E MIUDEZAS

ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES

CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

120, Rua da Republica, 122 e 122-A

SEMPRE AS MAIORES NOVIDADES

EXPOSIÇÕES PERMANENTES

GUIMARÃES

### A CONFIANÇA

MERCEARIA, CONFEITARIA E PAPELARIA

Especialidade em CHÁ E CAFÉ

VINHOS FINOS, LICORES E CHAMPAGNES

Depositarios das Aguas Bom-Jesus

**Ferreira & Martins, L.<sup>da</sup>**

86 - RUA PAIO GALVÃO - 88

**GUIMARÃES**

### Materiais para construção

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes e artigos concernentes para pintor e caiador. A casa que mais barato vende

Amandio Teixeira de Carvalho - RUA DE SAMPAIO

### Cartilha Monarquica

### Cartilha do Operario

PREÇO DE CADA 400 REIS

Pedidos á administração do nosso jornal

### AO PUBLICO

Recomendamos os finissimos licores, xaropes, conhaques, genebras, o finissimo aniz cristalizado e o Ponche integral Dom Nuno fabricados com esmero por Alfredo de Oliveira

Vila da Feira

Todos os pedidos devem ser dirigidos ao fabricante ou aos seus representantes:

**No Porto:**

OLIVEIRA & MACHADO

R. de Passos Manuel, 71

— E A —

PEROLA DO BOLHÃO

Rua Formosa

**Em Espinho:**

CADILON & C.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

181, Avenida, 8, 203

**Na Beira Baixa:**

JOSÉ VICENTE

ALFERRAREDE

### LEIAM

### A Nação Portuguesa

REVISTA MENSAL DE CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e administração:

Largo do Directorio, 8 - 3.º - LISBOA

### GIL VICENTE

PREÇO DA ASSINATURA  
(Pagamento adelantado)

Portugal

Ano . . . . .	7\$500 reis
Espanha . . . . .	9\$500 >
Africa . . . . .	10\$500 >
Brazil . . . . .	12\$500 >
Numero avulso . . . . .	150 >

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES  
(Pagamento adelantado)

Anuncios e comunicados, linha . . . . .	200 reis
Repetições, por linha . . . . .	100 >
Permanentes, contrato convencional	
Reclames, no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um . . . . .	1\$500 >
Anunciam-se as publicações que o mereçam,	
mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciais, para os assina-	
tes, 20 por cento de abatimento.	

### GIL VICENTE

Ano IV N.º 124

2.ª Série N. 1

Ex. Sr.

*Sociedade Martins Sarmiento*

*Guimarães*